

Bom negócio na cidade feita para carros

Grupo Gasol começou em 1958 e hoje é a maior rede de abastecimento do Centro-Oeste

Alessandro Mendes
de Brasília

Em 1958, dois anos antes da inauguração de Brasília, o que viria a ser a nova capital do País praticamente não tinha estradas e os únicos veículos a circularem eram jipes, que desafiavam as irregulares pistas de terra, e caminhões, trazendo matéria-prima e equipamento para a construção. Para os poucos donos de postos de gasolina, garantir o abastecimento dos clientes era uma tarefa complicada, já que o combustível tinha de vir de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, local da refinaria da Petrobras mais próxima. Foi exatamente nesse contexto desfavorável que o mineiro de Araguari Elson Cascão iniciou o que hoje é o Grupo Gasol, maior rede de abastecimento de combustíveis da região Centro-Oeste.

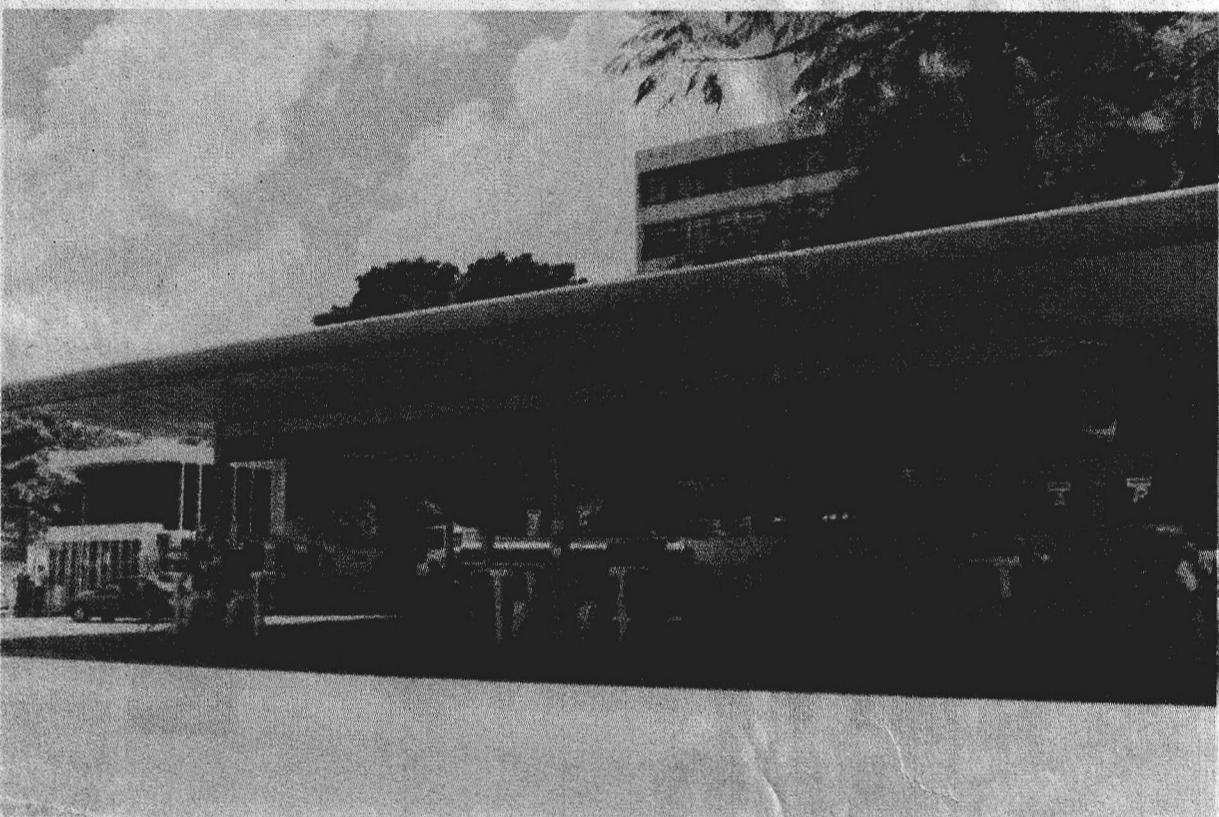
No dia 21 de julho daquele ano, Cascão comprou o primeiro posto, na Cidade Livre (hoje Núcleo Bandeirante). A aposta, conta o sócio Luiz Imbroisi Filho, que se juntou à Gasol em 1964, era no potencial de crescimento e nas oportunidades que a cidade oferecia. “Brasília, com as pistas largas que estavam começando a ser construídas, indicava que o uso de automóvel teria de ser grande”, lembra. A iniciativa deu logo resultado. Em quatro anos, já eram quatro postos. Hoje, são 71 unidades na rede, com, em média, 1,2 milhão de abastecimentos por mês, o que representa cerca de 22 milhões de litros comercializados no período.

Também em 1964, Cascão deu sociedade a um dos funcionários, Antônio Matias de Souza, então com 22 anos de idade. O convite, revela Matias, foi o reconhecimento pelo auxílio e amizade nos duros tempos iniciais. Em 1972, a sociedade ficou completa com a entrada de Laudenor de Sousa Limeira, então dono da rede de postos Pererê, maior concorrente da Gasol. “Ele estava dando muito trabalho, e então tivemos de convidá-lo para se juntar a nós”, diz Imbroisi. “Foi a decisão mais acertada na época”, acrescenta Limeira.

Uma das primeiras estratégias de marketing do grupo, que durou de 1964 até 1971, foi o patrocínio a uma atividade que despertava muito interesse da população na época e que era diretamente ligada ao ramo de combustíveis: corrida de automóveis. O grupo, nesse período, doava gasolina para vários corredores locais, como José Roberto Nasser, Alex Dias Ribeiro e até Nelson Piquet. Como ainda não existia autódromo, as competições eram realizadas nas ruas da cidade. O posto Texaco da 306 Sul, lembra Imbroisi, praticamente não funcionava nos dias de prova, com um intenso movimento de abastecimento de corredores. “Era o ponto de encontro na época”, recorda-se.

Matias cita uma corrida, realizada em 1965, em que a rede Gasol abasteceu, de graça, todos os carros participantes, entre eles os de Emerson Fittipaldi e José Carlos Pace. “Foram duas carretas de 30 mil litros cada”, conta Matias. “Era uma época em que se podia fazer mais pelo esporte, auxiliando quem tinha dificuldade de se manter”, declara Imbroisi, ressaltando que o patrocínio trouxe bom retorno comercial para o Grupo Gasol.

Para José Roberto Nasser, um dos pioneiros no automobi-



O posto da 306 Sul (ao alto, em 1964, e acima, em 1999) era o ponto de encontro dos pilotos de corrida no final da década de 60 e início de 70. Nos dias de prova, o posto praticamente não funcionava, devido ao intenso movimento de corredores que, patrocinados pela Gasol, abasteciam de graça

lismo na cidade, a iniciativa do grupo foi essencial para fortalecer o esporte e divulgar a imagem de Brasília no resto do País. “Eles tiveram uma visão antecipada do que o automobilismo se tornaria em um local onde praticamente não havia futebol”, analisa. Nasser conta que, na ocasião do Grande Prêmio Brasil de Fórmula 1, no último dia 11, assistiu a uma palestra de Jack Stewart na qual o ex-corredor afirmou que o Brasil é o país com maior índice de pilotos bem sucedidos do mundo. “Essa situação é resultado não só da capacidade de direção do brasileiro, mas do apoio de médias e pequenas empresas, que ajudam os pilotos a saírem da casca”, argumenta.

Durante os quase 41 anos do grupo, vários momentos ficaram registrados na memória dos sócios da Gasol. Um período marcante, aponta Imbroisi, ocorreu em 1974, época da chamada crise do petróleo. Como o produto sofreu alta exagerada devido a uma guerra no Oriente Médio, o governo Geisel teve de reduzir ao máximo a importação de combustível. Os postos ficaram proibidos de vender a prazo e com cartão de crédito e tiveram de fechar as portas aos fins de semana e após às 18 horas. Mas a rede, ao contrário do previsto, acabou não tendo prejuízo. “As vendas ficaram mais concentradas. Vendemos mais em menos tempo”, afirma Imbroisi. “E ainda economizamos energia, pois,

já que os postos não funcionavam à noite, não precisávamos acender as luzes”, acrescenta.

Para Imbroisi, o crescimento da rede é resultado de muita dedicação à empresa, amor por Brasília e atendimento de qualidade, características buscadas pelo grupo desde o início. “O nosso objetivo é oferecer o melhor produto e agradar o cliente”, declara. Ele cita como exemplo as cerca de oito mil lavagens/dia feitas de graça nos postos da rede e a venda, a preço baixo, de alimentos e outras mercadorias, como refrigerante, cerveja e sorvete. “Nosso lucro é com combustível. O resto é para agradar o consumidor, e não para ganhar dinheiro”, comenta o empresário.

Histórias de postos de gasolina

Alguns casos curiosos também fazem parte das recordações da história do Grupo Gasol desde 1958. Um deles, ocorrido com o proprietário da Brasília Super Rádio FM, Mário Garófalo, é lembrado com especial carinho por dois sócios, Luiz Imbroisi Filho e Antônio Matias. Imbroisi e um funcionário estavam lavando carros em um dos postos, no final da década de 60, com uma grande fila de espera. Um jogava o balde d’água e o outro lavava. Na pressa de acabar logo o serviço, a dupla não percebeu que um dos carros na sequência, o jipe de Garófalo, não tinha pábrisa. O resultado

– um óbvio banho – acabou gerando uma grande amizade que dura até hoje. “Na hora ele ficou irritado, mas acabamos ficando amigos”, ressalta Imbroisi.

Outra história, dessa vez sem final feliz, ocorreu há cerca de dois anos. Uma mulher foi abastecer o carro – um Verona – na mesma hora em que o caminhão tanque estava enchendo o reservatório de gasolina. Por um descuido do funcionário, a mangueira com o combustível escapuliu e encharcou todo o Verona. A proprietária, conta Imbroisi, exigiu que o Grupo Gasol comprasse o veículo. “O escândalo foi tão grande que não

tivemos outra opção. O carro acabou nem sofrendo danos na pintura, mas a política da rede é manter o cliente sempre satisfeito”, garante.

Matias se recorda de um caso em que um funcionário da Novacap parou no posto e pediu para que o frentista colocasse água no radiador e óleo no motor. O funcionário, que não era devidamente preparado, trocou o pedido. O óleo foi para o radiador e a água para o motor. “Foi um desastre”, comenta. “Mas serviu para ver o quanto é importante treinar bem os funcionários”, completa Matias. (A. M.)